

Classe média ganha 50 famílias por minuto

Esse ritmo, que começou a ser identificado no ano passado entre as principais nações em desenvolvimento, deve se manter ao menos até 2015

Cláudia Bredarioli
cbredarioli@brasileconomico.com.br

Por minuto, cerca de 50 famílias se somam à classe média nas principais nações emergentes do mundo. Esse ritmo — calculado pelo professor Tamer Cavusgil, do Centro de Pesquisa e Educação em Negócios Internacionais, da Universidade Estadual da Geórgia, nos Estados Unidos — começou a ser identificado no ano passado e deve se manter ao menos até 2015. E é exatamente essa força de consumo que tem sustentado o crescimento econômico de países como os que formam o Brics (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul).

Dentro dessa expectativa, deverão ser inseridas à classe média aproximadamente 125 milhões de famílias nos países emergentes entre 2010 e 2015. No momento atual, que marca a proximidade da metade deste período, o que já se percebe é o fortalecimento da tendência de alteração do foco de poder na geopolítica global.

“A classe média de 25 países emergentes permitiu que essas nações assumissem uma responsabilidade muito maior no contexto da economia global”, afirma Cavusgil. “Chega a ser irônico pensar que há cerca de duas décadas esses países eram vistos como os ‘bad boys’ da economia mundial. Eles eram pobres e não administravam bem seus estados.”

Segundo ele, a perspectiva é de que essa transformação esteja aqui para ficar por um bom tempo. Países como Coreia do Sul, Cingapura ou Hong Kong, que passaram antes por esse processo de mudança estão na frente de outros — pois deixaram de ser emergentes e estão agora um passo à frente —, mas todos os emergentes passarão por isso cedo ou tarde.

“O tamanho dessas economias ganha vulto justamente em razão de seu grande potencial de consumo, que abre muitas possibilidades”, diz Reginaldo Nogueira, do Ibmec. “Mas o padrão de consumo nesses países dificilmente será o mesmo que o europeu ou o americano”.

Isso se deve, de acordo com Nogueira, ao fato de que poderá haver redução do poder de com-

“

O tamanho dessas economias ganha vulto justamente em razão de seu grande potencial de consumo, que abre muitas possibilidades

Reginaldo Nogueira
Especialista do Ibmec

pra e aumento do desemprego nos países centrais no curto prazo. Porém, com a tendência de rearranjo dessas economias, elas tendem a recuperar seu peso no comércio e no consumo.

Para Vitor Wilher, do Instituto Millenium, é natural que os países emergentes saiam fortalecidos da atual crise. Mas a tendência é que a China de fato conquiste maior participação do comércio global após esse período, enquanto o Brasil dificilmente deve conquistar um feito semelhante.

O que ocorre no Brasil é que há no país os melhores recursos, inclusive naturais, em grande quantidade. Mas, ao mesmo tempo, há muitas deficiências quando comparados a outros países emergentes, em especial a China e a Índia. O Brasil não passou por várias reformas, principalmente de regulamentações e revisão de impostos. “A carga tributária é alta demais e não há muita transparência no campo dos negócios. As instituições, as licenças, as agências do governo, tudo funciona muito devagar”, diz Cavusgil.

Um estudo do Banco Mundial mostra que o Brasil está na 123ª posição em um ranking que aponta questões relativas à competitividade e seriedade nos negócios, enquanto Hong Kong e Cingapura aparecem em primeiro e segundo lugares. Os Estados Unidos estão em 20°. Para o

MERCADO

US\$ 4,8 tri

Era o que representava o consumo da classe média do Brics em 2005.

US\$ 10 tri

É o cálculo de consumo da classe média do Brics em 2010.

US\$ 17 tri

É a expectativa de consumo da classe média do Brics para 2015.

professor da Universidade da Geórgia, isso mostra que o resto do mundo vê o Brasil como um lugar complicado para fazer negócios. “Não tanto quanto a Rússia, talvez, mas com muitos atrasos burocráticos e sem demonstrar interesse urgente em simplificar seus processos”, alerta.

Ao mesmo tempo, tem havido muita pressão das empresas chinesas para redução da burocracia e melhoria da eficiência no país, envolvendo aumento de transparência e eliminação da corrupção. “A China tem um modelo de comércio mais voltado para o exterior, o que não acontece no Brasil, e isso faz toda a diferença”, afirma Wilher, do Instituto Millenium. ■



CINCO PERGUNTAS A...

Divulgação



...ADRIANA ABDENUR

Coordenadora-geral do Brics Policy Center

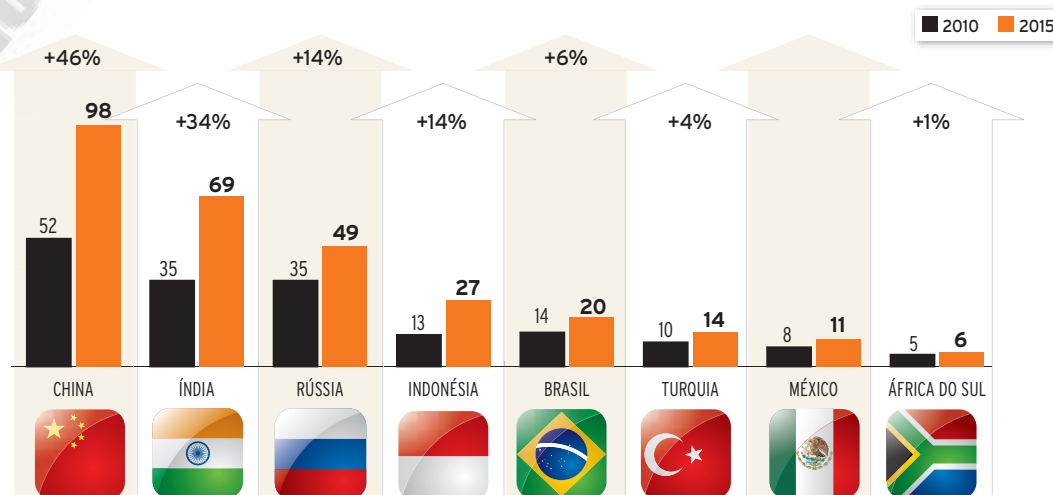
“Foco é catalisar ações, e não chamar novas siglas”

Vinte anos após a conferência Rio 92, a Rio+20, que acontece de 4 a 6 de junho de 2012, no Brasil, promete ter um peso diferente, já que está no cenário uma nova força: o Brics (sigla de Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul). A necessidade de criação de metas e indicadores comuns para este bloco deve ser um dos obstáculos para a consolidação de uma agenda única do grupo.

Existe a possibilidade de o Brics criar uma agenda única para o Rio +20?

EM ALTA

Aproximadamente 125 milhões de famílias vão ascender à classe média dos países emergentes até 2015, em milhões de famílias



Fonte: Cavusgil/Kardes 2011



Melhora da atividade econômica impulsiona o consumo

Dinamismo dos países emergentes alimenta ascensão social

Com o crescimento econômico, aumenta o número de pessoas que se muda para áreas urbanas centrais e conseguem empregos melhores

A atual condição da classe média nos países emergentes se reflete também na tomada de decisão das empresas em investir em determinado país

O dinamismo dos mercados emergentes, com novos focos de negócios, é o que tem permitido o largo crescimento da classe média nessas nações. Com a expansão econômica, aumenta o número de pessoas se mudando para áreas urbanas centrais e conseguindo empregos melhores nesses países. E o ponto positivo é que a maior parte das perspectivas para o cenário de crescimento dessa classe média dos emergente é otimista, com manutenção deste movimento para médio e longo prazos.

Segundo o professor Tamer Cavusgil, da Universidade Estadual da Geórgia, nos Estados Unidos, o ineditismo desse processo está no fato de que pela primeira vez essas pessoas não precisam mais se preocupar apenas com a satisfação de suas necessidades básicas. Por isso, a população começa a perceber que também tem recursos para suprir um estilo de vida, buscar um apartamento maior, com móveis melhores, um carro novo e matricular as crianças em escolas melhores. Mais do que isso: finalmente é possível pensar que boa parte das pessoas também começa a viajar nas férias e ter acesso a outras culturas e experiências distintas das vividas em seu cotidiano, o que antes era privilégio de poucos.

“É importante salientar que o crescimento da classe média é muito bom também por outras razões que não só a econômica: esse movimento pode significar melhores governos, mais liberdade de expressão e diminuição das desigualdades sociais”, afirma Cavusgil.

Além dessas questões, a atual condição da classe média nos países emergentes se reflete também na tomada de decisão das empresas em investir em determinado país. Por exemplo, embora Israel tenha a maior concentração de famílias de classe média entre as economias emergentes, com a maior concentração de poder aquisitivo, a dimensão total de seu mercado é pequena. Já na China ocorre o contrário. O país conta com o maior número de famílias de classe média entre os

emergentes, mas o poder aquisitivo não é tão alto.

Para mensurar essas diferenças, Cavusgil desenvolveu em parceria com Ilke Kardes, professor visitante da Universidade Estadual da Geórgia, um indicador chamado GSU-CIBER Middle Class Scorecard. O índice mescla dados de despesas, quantidade de famílias, população urbana e rendimento disponível das famílias. As informações são ponderadas e um índice agregado de classe média é calculado para cada país. O índice está disponível para 25 mercados emergentes. Cálculos estimados para os próximos quatro anos também foram realizados e classificados pelos pesquisadores. ■ C.B.

Difícilmente teremos uma agenda única, mas o grupo pode buscar certas iniciativas comuns que levem a ações concretas. Parte dos desafios consiste em definir de forma mais clara o conceito de economia verde, que pressupõe uma compatibilidade do desenvolvimento socioeconômico, combate a pobreza e uso eficiente dos recursos naturais. A partir daí, o grupo, mesmo sendo heterogêneo, pode começar a discutir interesses comuns.

Recentemente, o Brics fez a primeira medida como um potencial bloco, com a integração das bolsas do países. O que ainda limita a expansão de acordos?

É verdade que o agrupamento ainda é embrionário, mas começamos a ver ações conjuntas em outras áreas também, como a votação sobre as sanções à Síria. China e Rússia votaram contra e os demais se abstiveram. Esse padrão de votação indica uma posição comum entre os países. Mas ainda temos falta de coordenação, especialmente no que diz respeito a cooperação

econômica. O Brasil tem contenciosos com a China, por exemplo.

Qual o potencial de entrada de novos países no grupo?

Há muito interesse de outros países emergentes. A Hungria, por exemplo, vem fortalecendo sua relação com os cinco países. A tendência é que qualquer novo movimento aconteça quando o Brics conseguir articular posições e traçar ações concretas. Mas o debate é como catalisar o posicionamento comum desses países. Afinal, não adianta só aumentar o grupo incluindo mais um país na sigla.

E qual país tem mais potencial de assumir a liderança?

Por enquanto, o Brasil tem tentado exercer uma função de liderança dentro do Brics, mas sem muito êxito.

Qual é a diferença do bloco do Brics para outras tentativas de união que já aconteceram, como o movimento Sul/Sul, entre as décadas de 1980 e 1990?

O Brics tem uma orientação mais pragmática e menos ideológica,

“
Por enquanto, o Brasil tem tentado exercer uma função de liderança dentro dos Brics, mas sem muito êxito

por isso não há nenhum grande antagonismo entre os cinco países e os grandes industrializados, como Alemanha e Holanda, por exemplo, que vêm demonstrando interesse em ampliar seu relacionamento com os cinco países. E o motivo é que as possibilidades de negociação Norte/Sul se esgotaram por falta de política ou recursos. Já o Brics está relativamente bem. E mesmo não sendo contra o Norte, busca alternativas olhando para outros países emergentes. ■ Regiane de Oliveira